

## **Aqui, ninguém chora**

Paulo Faria com Bouba, Ilia, Loukouri, Saída, Ting Ting, Xiao

São refugiados. Ou melhor, precisam de refúgio.

Refúgio. Substantivo masculino. Espaço físico que oferece condições de segurança ou estabilidade. Sinónimos: abrigo, asilo, retiro. Em sentido figurado: amparo, auxílio, protecção, socorro.

Bouba: «Na minha terra, o clima permite viver vinte e quatro horas por dia em contacto com a natureza, durante todo o ano. Aqui, na Europa, o frio só permite viver seis horas, oito horas por dia ao ar livre.»

Saída: «Nunca irei regressar à minha terra. Abandonei o meu país para sempre. País? Pais? Como se diz? Qual é a diferença?»

Ting Ting: «Não me sinto segura na minha terra.»

Xiao: «Se pudesse voltar à minha cidade, a primeira coisa que faria era caminhar calmamente pelas ruas.»

Loukouri: «Nunca andei na escola. A dança é para mim uma terapia. A dança foi a minha escola.»

Ilia: «Eu era soldador. Não quis ser soldado. Não quis fazer a guerra.

Estou a aprender português.

Colher.

Mulher.

Mesa.

Cadeira.

Caneta.

Carregador.

Telemóvel.

Computador.

Garrafa.

Preocupado.

Tenho dores de dentes.

Mas não tenho dinheiro para dentista.»

Bouba: «Apanhei o avião para a Europa incógnito. Não pude dizer adeus à minha terra.»

Saída: «A cidade onde eu nasci é muito bonita, mas tem prisões cheias de gente.»

Xiao: «A minha palavra preferida em chinês é “fábula”.»

Ting Ting: «A minha palavra preferida em chinês é “democracia”.»

Ilia: «Quero que uses o meu nome num dos teus romances. Uma capibara chamada Ilia, pode ser?»

Bouba: «Sou dos Camarões e tenho duas vidas.»

Isabel: «Sou professora de Português Língua Estrangeira neste centro. Procuro dar esperança e alegria às pessoas que aqui chegam. Porque coragem já elas têm, caso contrário não estariam aqui.»

Saída: «Na minha vida passada, nasci em Portugal. Assisti a um milagre, um dia conto-vos. Depois disso, passei a acreditar na reencarnação. A minha vida passada pode ser Portugal.»

Bouba: «Nos Camarões tinha duas mulheres, aqui não tenho nada.»

Loukouri: «Quando voltar à minha terra, a primeira coisa que vou fazer é visitar as crianças e os jovens que tirei da rua, que ensinei a dançar, para ver se estão bem.»

Bouba: «Quando voltar à minha terra, a primeira coisa que vou fazer é visitar a sepultura da minha mãe. Fui preso no dia em que ela ia ser operada.»

Agora eu:

Já muito doente, a minha mãe foi internada em Santa Maria. Da primeira vez que a fui visitar, passei junto à cama dela e não a reconheci. O rosto dela era para mim o rosto de uma desconhecida, como o rosto da Saída, o rosto da Xiao, o rosto da Ting Ting, da primeira vez que as vi. O sofrimento tornara a minha mãe irreconhecível aos meus olhos, aos olhos do filho. Antes de entrar na enfermaria, disse a mim próprio que não podia chorar, que não tinha esse direito, que não a podia afligir. Mas depois chorei, claro. Antes de entrar no Centro de Acolhimento para Refugiados de São João da Talha, disse o mesmo a mim próprio: «Ninguém chora.» E, desta vez, ninguém chorou.

Março de 2026